

JORNAL DO MINHO

PROPRIETARIO—JOÃO ANTONIO DA SILVA PEREIRA

PUBLICA-SE ÀS TERÇAS E SEXTAS-FEIRAS.

1.º ANNO, 1875

Anuncios e comunicados
Por linha 30 réis
Repetições 10
Folha avulso. 20

SEXTA FEIRA 30 DE ABRIL

Assignatura paga adiantada
Para Braga, por trimestre. 600 réis
Para as provincias. 725
Escritorio da redacção, campo de Sant'Anna n.º 66
onde se recebem os annuncios e correspondencias.

NUMERO 34

BRAGA 29 DE ABRIL.

A questão do sr. escrivão de fazenda e a opposição

Na *Regeneração*, órgão da auctoridade n'esta terra, lêem-se os seguintes períodos:

«Não queira a opposição aproveitar para os seus fins politicos a questão que se tem levantado n'esta cidade a respeito da matriz da contribuição industrial e de renda de casas.

«Se queria especular com isso errou o seu calculo, porque os promotores da representação contra o escrivão de fazenda são os primeiros a declarar bem alto que não são, nem querem ser instrumento da opposição.

«Bem hajam elles que não querem servir a causa dos partidos n'uma questão, que nada tem com a politica.

«É conveniente pois que registemos as declarações francas e cathoricas dos promotores d'aquella reunião, para que se não diga que elles são instigados pela opposição.

«Bem conhecemos os intuitos d'ella, que são transparentes, e se manifestam bem nas absurdas insinuações, e miseraveis calumnias que parvamente tem ousado propalar.

«Ainda bem que todos a conhecem, e já não logra illudir ninguém.»

Isto é uma verdadeira infamia!

A expressão é talvez forte, mas é propria, e é a unica. Quando ha um jornal que, trahindo os dictames da sua consciencia, e faltando escandalosamente á verdade, por todos sabida, não duvida, para atacar os seus adversarios, escrever o que hontem escreveu a *Regeneração* com relação á opposição d'esta terra, o seu procedimento vil não póde ter outra denominação.

Argue a folha official a opposição de ter instigado os contribuintes d'este concelho contra o sr. escrivão de fazenda pelo augmento das contribuições pessoal e industrial, e pretende fazer acreditar que se quer servir da animadversão que se manifesta contra aquelle augmento, para fins meramente politicos!

Com que fundamento é que a *Regeneração* ousa dirigir taes insinuações á opposição d'esta terra? Quem ha ali que se atreva a dizer que ha um unico partido militante da opposição, que tenha tomado a menor parte nas manifestações dos contribuintes contra o excesso dos impostos? Onde, quando, de que fórma é que a opposição tem propalado essas absurdas insinuações e miseraveis calumnias a que se refere o jornal do sr. governador civil?

Por ventura já n'este jornal se escreveu uma só palavra a respeito da questão que por ali se agita? E comtudo, se opposição quizesse fazer politica não lhe faltaria assumpto para a fazer, e com vantagem. Se a opposição quizesse imitar os homens que hoje apoiam a situação: se quizesse imitar o que n'outros tempos fez o *Bracarense*, não lhe faltaria assumpto, para se aproveitar do descontentamento publico que se tem manifestado em todas as classes, para de cada vez as incitar mais e para lhes despertar a mais profunda indignação.

Se a opposição quizesse fazer politica, ter-se-hia collocado do lado do povo, que é o seu posto d'honra, para lhe fazer ver que, a par dos esbanjamentos e desperdicios que constituem a norma d'este governo, se augmentam extraordinariamente os impostos; se vexam todas as classes pedindo-lhes sacrificios com que não pólem!

E temos a certeza de que se os homens que hoje se acham ao lado da auctoridade e do governo estivessem na opposição, os seus jornaes seriam outros tantos fachos que incendiariam as multidões!

Repellimos, pois, as insinuações perfidas que nos dirige o órgão ministerial. Protestamos solemnemente contra ellas.

São tão falsas como infames. Não queiram attribuir a manejos da opposição o que é uma manifestação geral, unanime, de todas as classes, sem distincção de partidos. Não queiram desvirtuar o que é um sentimento do povo, fazendo acreditar que é manejo dos partidos. Não queiram apresentar como incitadores os que só poderão talvez ser taxados de excessivamente tolerantes e benevolentes. Sejam mais sérios e mais dignos.

Falleceu na capital, depois de prolongados soffrimentos, o exm.º sr. conselheiro Joaquim Henriques Fradesso da Silveira. Está de luto o partido historico, que acaba de perder um dos seus membros mais distinctos, e está de luto o paiz, que perdeu um dos seus cidadãos mais benemeritos.

O sr. Fradesso da Silveira deixa de si honrosa memoria. Era um talento vigoroso; uma grande illustração: um obreiro infatigavel do progresso. A industria portugueza perdeu o seu mais incansavel protector. Nos trabalhos da exposição de Vienna d'Austria, onde tanto se assignalou, e onde tão distinctamente fez representar a Portugal, adquiriu o sr.

FOLHETIM

LAMARTINE!

FIOR D'ALIZA

VERSÃO DE

ALFREDO CAMPOS

SEGUNDA PARTE

(Continuado do n.º 33)

CAPITULO V

Isto correu assim até á aproximação dos meus quatorze annos; até então nem eu nem elle tinhamos sentido a menor sombra um do outro; olhavamo-nos quanto nos aprazia sem que o olhar d'um fizesse abaixar o olhar do outro, exactamente como o raio do meio dia que não perturba a agua da gruta, quando a mira atravez das folhas do freixo, atravessando-a até ao fundo sem lá ver mais que a sua imagem. Assim nos contemplavamos muita vez até que a agua do coração, pela fadiga, nos subisse aos olhos, agua tão pura como a da gruta aos raios do sol.

CAPITULO VI

No entretanto, pouco tempo antes da desgraça do castanheiro ferido, do rebanho morto, do chumbo nos meus braços, e do tiro innocentemente disparado por Jeronymo defendendo-me dos esbirros, comeci a mudar, sem saber porque, a não ser tão bondosa, tão alegre e tão agradável para o pobre raio até alli, a evital-o sem motivos, a

estremecer quando lhe ouvia a voz ou os passos, a abrigar-me em casa para ir fiar ao lado de minha thia quando eu gostava mais de estar fóra, ao sol ou á sombra, junto d'elle, a retirar-me só com as cabras e os cordeiros para as urzes mais afastadas, a esconder-me por traz dos vimieiros á margem da agua corrente, e a ver inconscientemente, de dia, um não sei que no regato, e de noite, no firmamento. Gostava que elle não soubesse aonde eu esta e zangava-me por me não vir surprehender. O menor salto d'um peixinho fóra da agua, o menor ramo que uma ave agitava voando, faziam-me estremecer; algumas vezes chorava, ignorando porque, n'outras, ria sem motivo para alegrias; era, finalmente, uma roca emaranhada de contradicções, e de tal modo que nem eu propria me comprehendia e que até minha thia dizia a meu pae que já me não via tão folgazã, acrescentando:

— Mas não te inquietes, meu irmão, é a muda. A ave faz as azas, o cabrito os dentes e a creança o coração.

E depois começavam a rir muito baixinho.

CAPITULO VII

Jeronymo, que nada comprehendia das minhas mudanças, dos meus silencias, dos meus afastamentos, parecia tambem mal humorado, doente do coração, com a mesma febre o o mesmo langor que eu. Não era sem despeito que então me parecia que elle me procurava menos do que me fugia, já me não olhava face a face como d'antes. Estremecia quando, por acaso, era preciso que a sua mão tocasse na minha, lançando-me os cestos do milho no meu avental ou voltando os figos seccos no telhado. Fallavamos sempre de lado, quando havia absoluta necessidade de fallarmos d'uma ou d'outra cousa, e, todavia, não nos odiavamos, porque, a despeito nosso, eramos tão habeis em nos

procurarmos como em nos fugirmos, e de tal modo que todos diziam que fugiamos um do outro para nos encontrarmos e que nos encontravamos para fugirmos.

Eu perguntava-me: — Dar-se-ha o caso de que o não ame? Mas que me fez elle para o aborrecer? Ou então: — Não me amará elle? Mas que lhe fiz eu para que me deteste?

Nesse tempo escondia-me eu de minha thia para me vestir, sósinha, atraz da porta da cabana, aos domingos, aonde pelas primeiras vezes me olhava no pedaço do espelho quebrado, emmoldurado no muro contra a chaminé. Era como se eu quizesse tornar-me formosa para o meu anjo da guarda, porque, quando os peregrinos passavam, por acaso, perto do castanheiro, e que elles miravam, fallando uns com os outros, o meu rosto, isto causava-me pejo em vez de prazer, e não era por elles que eu desejava que os meus cabellos reluzissem como oiro sob os raios do sol.

CAPITULO VIII

No entretanto, reconheci que Jeronymo não andava indisposto commigo, quando se lançou em meu soccorro como o S. Miguel de um retabulo, contra os esbirros, e quando disparou, á vista do meu sangue, o seu bacamarte contra as boccas das seis espingardas apontadas ao seu peito. Devo mesmo confessar que me regosijava de ver correr o meu sangue do braço, porque tinha a certeza que os grãos de chumbo que me extrahiu da pelle com os dentes lhe haviam penetrado muito mais no coração.

Ah! mas no momento em que os esbirros o prenderam, no dia seguinte, alli, no estrado, e o arrastaram á prisão de Lucques, cumulando-o d'ultrages e d'ameaças de morte, então é que eu conheci subitamente o que não poderia ter sabido em tres annos. Senti

que o meu coração ia inteiramente com elle e que a cadeia de ferro que lhe apertava os membros me pesava tão fortemente como se realmente eu estivesse amarrada.

Não foi illusão; senti-o, tão certo, como estar vendo-vos; era um como pezo, que com vontade ou sem ella faz oscillar uma balança. Saltei do leito, meio nua, e disse commigo: — Ou hão de matar dois, ou eu lh'o arrancarei das mãos; vamos! O seu anjo da guarda havia-me inspirado e tomára a minha figura!

CAPITULO IX

Minha thia e meu pae estavam fóra da porta a escutar os passos dos esbirros que arrastavam Jeronymo; quando me vi meio vestida, com os cabellos longos e annelados, mal prezos pelo gancho no tópo da cabeça, com a minha veste bordada sobre o peito, os braços nus sahindo da camisa, porque as mangas de pano cahiam vazias ao longo do meu corpo, de saia curta, com os pés nus nas sandalias que apenas me cobriam as pontas dos dedos, quando me vi assim, tive medo e perguntei-me: Que vaes fazer? Prender-te-hão á entrada da cidade, ou na lama das ruas como lixo e lançar-te-hão n'algum esgoto de Lucques para apodreceres com aquellas que venderam a sua honra, e n'este caso, de que lhe servirás tu, tanto para a vida como para a morte? Deshonrarás o seu nome e o de tua mãe, nada mais!

Que fazer, meu Deus? E eu puz-me a chorar e a orar, com a cabeça sobre a cama, affogada em lagrimas.

Levantando-a para me voltar para traz, no meio do meio de meu desespero, uma ideia me correu pela frente, como um morcego quando a luz da cadeia o accorda e lhe faz bater as azas nos meus cabellos.

(Continúa).

Fradesso da Silveira a terrível molestia, que lhe roubou a vida.

Pela nossa parte, como amigos politicos de s. exc.^a e como cidadãos deploramos profundamente tão grande perda.

A's preces que ainda ha pouco elevamos pelo eterno descanso do grande tribuno João Antonio dos Santos e Silva, juntamos agora as que elevamos pelo benemerito cidadão Joaquim Henriques Fradesso da Silveira.

N'uma correspondencia de Lisboa para o *Jornal do Porto*, datada de 26 do corrente, lê-se o seguinte:

«A novidade politica mais importante é a de assegurar-se que o snr. marquez de Vallada já não será nomeado para um dos governos civis de Castello Branco ou da Guarda.

«Parece que o governo discutiu sobre a conveniencia d'esta nomeação, e resolveu não nomear aquelle cavalheiro para nenhum dos dous governos civis de que se tracta. Acrescenta-se que o snr. marquez de Vallada, que ha muito solicitava ser nomeado governador civil de qualquer outro districto, visto não poder-o ser para Braga, que era o seu maior desejo, está notavelmente indisposto contra o governo e promete fazer-lhe guerra a todo o transe.

«Havia até quem dissesse que o snr. marquez começaria desde já a mostrar o seu resentimento e que iria ao paço depor nas mãos d'El-Rei todas as suas condecorações e renunciar a todos os seus titulos.

«Não me parece que seja caso para tão imponente manifestação, mas talvez o digno par se julgue por tal modo offendido por não o fazerem governador civil que não considere este procedimento como natural e logico.

«Veremos o que resulta de tudo isto. Em todo o caso seria singular o facto, que aliás se está reproduzindo, de ver engrossar as fileiras da opposição por homens que ainda hontem eram ministeriaes, só porque o governo não pôde ou não quiz fazer-lhe uma concessão, contraria á justiça ou aos interesses politicos da situação.»

Congresso de sciencias em Paris.

Os pedidos para admissão no congresso e exposição internacional das sciencias geographicas de Paris, devem ser entregues até ao dia 15 do proximo mez de Maio, afim da commissão, nomeada para organizar a secção portugueza na referida exposição, ter em seu poder a relação completa dos objectos que hão de figurar na exposição, cuja abertura deve ter logar no dia 15 de Julho do corrente anno.

Os productos expostos são divididos em sete grupos, pela fórma seguinte:

1.º GRUPO — *Geographia, mathematica, geodesia, topographia*. — Instrumentos de geometria pratica, nonios ou *verniers*, planímetros, etc. Apparelhos e instrumentos de medição de terras, de topographia, de geodesia e de astronomia: plancheta, Lusso'a, eclimetro, tacheometro, circulos meridianos, circulos azimutaes, theodolitos, etc.

Taboas de projecção e de calculo: cartas segundo os diversos systemas de projecção; cartas sideraes; cartas de triangulação; cartas dando as curvas de declinação magnetica; cartas hypsometricas. Publicações relativas á medida da terra.

2.º GRUPO — *Hydrographia, geographia maritima*. — Instrumentos portateis e de precisão relativos á hydrographia; circulos, sextantes, oitantes, horisontes arti-

ficiaes, chronometros, telescopios portateis e oculos astronomicos ou terrestres.

Lochs ou outros instrumentos para avaliar a velocidade do mar.

Sondas e apparelhos para dragar; amostras de dragagens sobre o fundo do mar.

Thermometros para sondar.

Agulhas de marear.

Cartas maritimas (costas, correntes, ventos dominantes, etc.)

Cartas hydrologicas.

Taboas e ephemerides para uso dos astronomicos e dos navegantes.

Collocação dos cabos telegraphicos submarinos.

Publicações relativas á hydrographia e á geographia maritima.

3.º GRUPO — *Geographia physica, meteorologia geral, geologia geral, geographia botanica e geologica, anthropologia geral*. — Instrumentos que sirvam para a observação dos principaes phenomenos meteorologicos.

Cartas, atlas e globos representando os factos essenciaes que entram no dominio da geographia phisica, da meteorologia, da geologia geral, da geographia botanica, e zoologia e da anthropologia geral.

Publicações de toda a especie de collecções que digam respeito a estas diversas ordens de factos.

4.º GRUPO — *Geographia historica e historia da geographia, ethnographia, philologia*. — Obras e manuscriptos antigos e modernos, tratando da geographia e da sua historia.

Cartas e globos antigos.

Instrumentos que serviram aos geographos antigos, astrolabios, etc.

Collecções ethnographicas.

Diccionarios de geographia.

5.º GRUPO — *Geographia economica, commercial e statistica*. — Obras de statistica e de geographia economica, tratando da população, da agricultura, da industria, do commercio, das vias de comunicação, dos portos, da colonisação, da emigração, etc.

Documentos commerciaes diversos.

Cartas e diagrammas, vias de comunicação, agricultura, explorações mineiras, grandes industrias, movimento das mercadorias, etc.

Obras destinadas ao ensino da geographia economica.

Obras de arte relativas á geographia economica; planos e modelos de pontes, tunneis, caminhos de ferro, estradas, linhas telegraphicas, etc.

Represas e canalisação das correntes de agua.

Apparelhos novos para perfurar as rochas.

Objectos manufacturados e mineraes que caracterizam particularmente um paiz, ou que são novos na Europa.

Collecções feitas com um fim commercial, como chás, cafés, algodões, madeiras de marceneria, fibras textis, etc.

Desenhos ou modelos de machinas novas destinadas a utilizar certos productos naturaes ou a facilitar o seu emprego.

Productos e engenhos da grande pesca.

Specimens dos objectos de toda a natureza particulares aos paizes longinuos, e cujo conhecimento é util para o commercio de exportação.

6.º GRUPO — *Ensino e diffusão da geographia*. — Tratados e methodos de ensino de geographia.

Perfis e paisagens servindo para o ensino, cartas muraes, atlas.

Modelos e instrumentos destinados ao ensino technologico da geographia.

Cartas e mappas mundi terrestres e celestes; globos.

Cartas e planos topographicos; cartas e planos em relevo.

Reproducção photographica das cartas; gravura heliographica e lithographica, chromo-lithographia; material e apparelhos especialmente empregados na fabricação das cartas.

Instrumentos servindo para medir as distancias nas cartas.

7.º GRUPO — *Explorações, viagens scientificas, commerciaes e pittorescas*. — Instrumentos proprios para as determinações astronomicas e para os trabalhos topographicos expeditos, barometros e thermometros de viagem, podometro, sextantes, theodolitos, etc.

Apparelhos photographicos portateis, camaras claras.

Cartas e itinerarios; perfis.

Collecções de toda a qualidade provenientes de viagens de exploração; specimenes de estampagens e *fac-similes* de inscrições e de esculpturas; vistas photographicas e desenhos de regiões recentemente exploradas.

Productos e armadilhas de caça em paizes novos; armas de caça e de defeza; machadinhas, facas de mato e de meza; obras de selleiro, utensilios de cozinha e de meza aperfeiçoados para viagens, filtros portateis, pharmacia portatil de viagem.

Embarcações portateis para atravessar as correntes; barcas-abrigos, barcas grandes; cobertores e fatos impermeaveis. Modo de encaixotar e de transportar proprio para as viagens de exploração.

Apparelhos para alumiar nas marchas de noite e no acampamento.

Instrumentos e utensilios especiaes para as expedições polares.

Relações e publicações de todo o genero relativas a viagens.

Lisboa 27 de Abril.

(Do nosso correspondente)

A cidade de Lisboa está profundamente commovida: a morte de Fradesso da Silveira constitue o assumpto mais importante do dia.

O paiz acaba de perder uma das suas mais intelligentes e prestimosas actividades; e o grande partido historico um dos seus distinctissimos membros.

Toda a imprensa se occupa d'este desastre que a nação acaba de soffrer, e é assim como todos consideram a perda d'este homem, strenuo protector da industria nacional.

Referindo-me á politica digo aos meus leitores que uma grande parte dos homens que teem acompanhado a caranguejola ministerial tratam de lhe retirar o apoio; e os ministros vêem-se a braços com importantes contrariedades politicas que já lhes não são faceis de vencer ou evitar.

O paiz mostra-se claramente indignado com os esbanjamentos e desperdicios, e a maioria da imprensa periodica explicita que a opinião publica pretende pôr um cravo na roda dos desperdicios que nos podem conduzir á ruina.

Que a politica do chaveco ministerial regeneratorio está atacada de febre lenta, é facto averiguado pelos proprios amigos do grupo ou partido dos compadres.

Mas, mesmo assim, quando estes fargantes politicos descerem das cadeiras e deixarem de sobraçar as pastas, resta-lhes a gloria da pena de morte aos soldados, (que elles regeneradores muitas vezes conduziram á revolta).

Estes homens *dos factos consumma-*

dos; estes encapotados da ingratidão politica ao povo de cuja boa fé teem sempre abusado, teem os dias e horas contados, e cheiram já a defunctos.

Vamos aos fundos:

Na bolsa venderam-se hontem inscrições de assentamento a 49,80 e 49,83 e titulos de divida externa a 50; ficaram aquelles a 49,85 e estes a 49,90 e 50. Em titulos hispanhoes de divida interna houve transacções a dinheiro a 14,50 para pagar em 30 do corrente a 16,5056 16,51 em 15 de Maio; a 16,55 e 16,17 e em 30 de Maio a 16,50 e 16,55: ficaram a 16,50.

A' ULTIMA HORA.

Sabe se que a visita que o snr. Avelino, e muito regeneradorinho ministro das obras publicas, fez ao norte foi para sondar os animos e não as linhas ferreas, que por homens competentes já estavam examinadas. Este snr. Cardoso das obras sempre é um maganão...

Ah! o haviam de ter, e provavelmente para vir dizer aos collegas que o Minho paga e não *bufa*, e está prompto ás ordens dos regeneradores como *fel creado* de ss. exc.^{as} Imaginem os honrados minhotos por um pouco, que estas tres corridas (sem ser a cavallo) ao Porto e á bonita Braga eram feitas por um ministro historico, e veriam como os ganços das antigas excommuñões no apreciavel Minho cantavam!

Os regeneradores e os da regeneratoria compadresca são os mesmos em todas as epochas e reportorios.

Até outra vez.

Villa Verde 29 de Abril.

(Do nosso correspondente)

Não tenho até hoje podido satisfazer ás obrigações de correspondente do *Jornal do Minho*, por afazeres e por falta de saude. Venho hoje dar principio ao cumprimento d'ellas sem programma, porque declarando que pertenco ao gremio historico, esta declaração dispensa-me d'esse trabalho.

O que, porém, não posso deixar de declarar, ao principiar a minha ardua mas robre tarefa, é que serei verdadeiro e imparcial nos meus escriptos. Chamarei ás cousas pelo seu verdadeiro nome, sem que me deixe guiar por paixões, ou por quaesquer influencias oppositas aos dictames da minha consciencia.

E sem mais preambulos, principio. Na la direi de politica, porque esta matrona arrebecada dorme ou está enferma. E mesmo que estivesse acordada, ou de perfeita saude, não valeria a pena fallar da d'este concelho que foi, e me parece ha de ser sempre, faccioso, mesquinha e egoista. E como não ha de a conter assim, se o seu alimento é a intriga, e se os politicos da terra são uma especie de bandeirolas que se volteiam a todos os ventos? Politica de principios, é' cousa que não existe em Villa Verde ha muitos annos.

Nas repartições publicas do concelho e comarca, tudo corre regularmente. Felizmente estamos bem servidos de auctoridades e de empregados.

Aquellas e estes comprehendem os seus deveres, e capricham em os cumprir á risca, sem vexarem nem offenderem os povos.

Mas, os exemplos das auctoridades civis e judiciaria não aproveitam a grande parte dos membros do clero, que esquecendo a sua nobre missão sobre a terra, tratam de se envolverem em negocios es-

tranhos ao seu ministerio e de indispossem os incautos contra os poderes publicos por terem a ousadia de tocar, com mão sacrilega, nos bens que dizem pertencer de facto e de direito á Egreja.

Observam-se por aqui factos, com relação á desamortisação, que depoem muito em desfavor da illustração da maioria do clero villaverdense.

Em outra occasião serei mais minucioso, e contarei factos passados ultimamente, que provecarão riso, se não tedio aos leitores.

W.

NOTICIARIO

Mez de Maria. — Principiam á n'ha os exercicios do Mez de Maria nos templos dos Remedios, Senhora a Branca, S. Victor, S. Miguel o Anjo, Convertidas, collegio de S. Caetano e asylo de D. Pedro V.

Nossa Senhora da Torre. — Festeja-se domingo, com a costumada pompa, na egreja do convento do Collegio.

A Invenção da Santa Cruz. — Festeja-se segunda feira na real capella de Santa Cruz; sendo tambem n'este dia adornados os oratorios e cruzeiros espalhados por diferentes ruas da cidade, onde na vespera ha as costumadas fogueirinhas, fogo, illuminações, etc.

Romaria. — Na quinta feira proxima tem lugar no aprazivel local do Bom Jesus do Monte a romaria denominada da Ascensão. No templo d'este real santuario haverá exposiçào do SS. Sacramento, e cantar-se-ha a Hora solemne de Noa, bem como na Sã, Santa Cruz e outras egrejas.

Paços municipaes. — Já se estão preparando os paços municipaes, afim de ser alli condignamente recebido o Augusto Chefe do Estado por occasião da sua proxima visita a esta cidade.

Por tal motivo é mudada provisoriamente a repartição administrativa para o tribunal de justiça.

Feira de S. Marcos. — Está bastante animada. Á noite, em que o abarracamento produz um effeito deslumbrante, tem sido alli grande a concurrencia, o que de certo não desagradará aos feirantes.

Companhia dramatica. — Acha-se entre nós a companhia dramatica do theatro da Trindade, do Porto, que tenciona dar algumas representações no theatro de S. Gerardo. Já hontem fez a sua estrêa com a opera comica em 3 actos — *O Diabrete*.

Os Lazaristas. — Do *Jornal da Noite* transcrevemos a seguinte noticia a respeito do drama do sr. Antonio Ennes, director d'esta folha. Ampliando-a diremos que a peça tem continuado a receber applausos estrondosos e o seu auctor tem sido entusiasmaticamente applaudido.

Entre os muitos bouquets que lhe foram offertados na primeira noite, conta o sr. Ennes como penhor de muita amizade aquelle que o sr. Barros e Cunha lhe mandou entregar por seu filho — uma galante creança — no fim do 2.º acto.

No nosso numero de quinta feira publicaremos sobre o mesmo assumpto um folhetim do nosso collega o sr. Emgydio Navarro.

Eis o que diz o *Jornal da Noite*:

«Foi sabhado, em beneficio de Joaquim d'Almeida, a 1.ª representaçào dos Lazaristas, drama em tres actos do sr. Antonio Ennes, redactor do *Paiz*.

Poucos, muito poucos auctores, tem obtido triumpho tão completo na sua estreia no theatro.

A platêa interrompeu a representaçào d'uma das scenas do 1.º acto, chamando o sr. Ennes.

Quando elle appareceu o publico levantou-se, e applaudiu-o phreneticamente, acompanhando de bravos as salvas de palmas, com que o recebeu, e offerecendo-lhe muitos bouquets.

No final de todos os actos o sr. Ennes teve repetidas chamadas, especialmente no fim do drama. Nessa occasião o publico mostrou ao sr. Ennes, do modo mais frisante, a elevada opiniào que fórma do seu talento.

O entusiasmo tocou o delirio: o talento obteve uma das mais esplendidas manifestações de quanto pôde e vale.

São estes os verdadeiros e mais invejáveis triumphos: só o genio os pôde obter, só a opiniào publica pôde redel-os.

Fallemos do drama.

Entre as muitas bellezas que existem n'elle, avulta a linguagem sempre correcta e ora elevada, vehemente e enérgica, quando falla o liberal convicto, ora resentindo-se de doçura um pouco unctiosa e hypocrita, quando tem a palavra o lazarista.

Os outros personagens expressam-se sempre de modo, que o espectador não fica indeciso sobre o caracter que o auctor lhes attribue.

Seria pouco quanto escrevessemos n'este sentido. A palavra no drama do sr. Ennes tem um prestigio, que rarissimos lhe sabem dar.

Ha phrases magicas, nos Lazaristas, que arrebatariam qualquer platêa. A nossa missào não é defender nem atacar o drama do sr. Ennes como drama de combate, como peça politica.

Outros tomarão para si este encargo. Nós, no que temos o direito e vamos escrever, diremos a nossa opiniào acerca do drama, simplesmente como composiçào dramatica e nada mais.

O credo dos Lazaristas é simples e natural.

Estas duas qualidades dizem tudo.

Digamos agora algumas palavras ácerca do desenho dos principaes personagens o lazarista (Joaquim d'Almeida), o liberal (Polla) e a educanda (sr.ª Maria das Dores).

O padre Bergeret tem a hypocrisia de Tartufo; falta-lhe porém talvez a finura, o engenho agudo, a prudencia, a diplomacia, digamos assim, dos filhos do instituto.

Talvez devesse ser ainda mais frio, despir-se mais ainda de tudo quanto é terreno.

E pareceu-nos, desculpe o auctor a nossa observaçào, que um lazarista, como aquelle que o sr. Ennes apresenta, conhecendo o genio arrebatado e fugoso de Ernesto da Silveira, evitaria, por todos os modos, que elle podesse rasgar e rasgasse a declaraçào, em que o velho liberal abjura as doutrinas de toda a sua vida, considerando-as impias e contrarias á salvaçào da sua alma.

Aquelle papel, obtido com tanto casto e paciencia, devia merecer mais cuidados ao lazarista, que n'elle fundára esperanças de engrandecimento e gloria.

O publico applaudiu muito esta scena, que realmente é de magnifico effeito.

Nós, porém, entendemos do nosso dever fazer esta observaçào ao drama do sr. Ennes, em quem reconhecemos e veneramos um talento superior.

Ernesto da Silveira está perfeitamente photographado.

É um liberal convicto, amando a luz e abominando todas as machinações feitas nas trevas; detestando a hypocrisia, o fingimento, tudo finalmente que não seja nobre e elevado como o seu caracter.

A educanda, hesitando entre as doutrinas que lhe ensinaram no recolhimento, e as palavras meigas e convincentes que o noivo, eloquentemente, lhe diz, é um dos typos mais bem desenhados que temos visto.

Os outros personagens estão igualmente bem definidos e alguns revelam o seu caracter por um simples dito.

Esta difficuldade de desenhar um personagem, com um traço, só aos mestres é dado vencer-a.

Finalmente, o drama do sr. Ennes é uma d'essas obras, que depois de ser representada no theatro, ha de ser lida com prazer e sempre admirada.

O desempenho foi muito bom.

Faremos especial mençào do beneficiado, que foi muito applaudido, de Polla e da sr.ª Maria das Dores, a quem couberam os principaes papeis.

Simões, a sr.ª Emilia dos Anjos, e os demais artistas representaram bem os papeis de que foram incumbidos.

É natural que os Lazaristas se demorem por muito tempo em scena.

Ninguem deve perder occasião de ir vêr e admirar um dos melhores dramas que se bem representado nos nossos theatros. (*Paiz*).

É bem lembrada! — Lê-se na *Lucta*.

— A uma pobre mulher que viveu por alguns mezes n'um casebre da rua do Captivo, pagando treze tostões por mez, enviou a recebedoria do respectivo bairro um aviso de contribuiçào sobre a renda das casas na importancia de 3\$872 réis.

Afligiu-se a triste com a exigencia do fisco, não que temesse penhora, que d'isso

está ella livre, mas imaginou que já tivessemos chegado á perfeiçào de encarcerar os que não tem real.

Um individuo a quem foi contar os seus terrores, tomou-lhe conta do papel, e depois de varias perguntas, eis aqui o que elle lhe deu escripto para enviar á repartição competente:

Illm.º snr. — Diz a supplicante que não lhe sendo possivel deduzir das esmolas de que vive a contribuiçào que o estado lhe impõe, mas reconhecendo todavia que não só todos os cidadãos mas tambem todas as cidadões devem contribuir para o estado, resolveu desde já nomear bens á penhora, para evitar processos, que serão *secca sem proveito* para os snrs. empregados.

Envia portanto o rol dos seus bens, dos quaes se constitue desde já fiel depositaria para o que der e vier, e espera ser attendida, para acabar com isto por uma vez.

ROL

Uma meza de pinho, natural da Feira das Caixas, de quinze annos de idade;

Dois cadeiras, com sete pernas e dois palmos de palhinha;

Um lanceiro que já o era no tempo de D. Maria II, mas que ainda não foi reformado;

A bateria da cosinha composta de sete bocas, incluindo a do fogareiro.

Não sabe a supplicante se a enxerga em que dorme pertence tambem á fazenda nacional, mas no caso affirmativo cumpre-lhe declarar, para descargo da sua consciencia, que a palha se acha em mau estado.

E. R. M.

Caminho de ferro do Minho. — Eis a tabella dos preços da linha ferrea de Braga ao Porto:

ESTAÇÕES	CLASSES		
	1.ª	2.ª	3.ª
De Braga a			
Tadim	120	90	60
Nine	290	220	160
Famalição	420	320	230
Trofa	590	460	320
S. Romão	720	560	400
Ermesinde	850	660	470
Rio Tinto	910	710	500
Porto	15030	800	570

Situaçào financeira da Inglaterra. — Na camara dos commons de Inglaterra fez sir Strafford Northcote a exposiçào da situaçào da fazenda, pela qual se conhece que o orçamento offerece um excedente de libras esterlinas 593:833 relativamente a 1874.

Para o corrente anno estimam-se as despesas em 75.268:000 libras esterlinas e os rendimentos em 76.685:000 libras, isto é, ha um excedente de 1.417:000 libras.

Não era possivel, portanto, grande reduçào de impostos. Sir Strafford propoz, porém, algumas modificações nos impostos actuaes que reduziram o excedente em 60:000 libras.

A divida nacional foi reduzida a 775.523:000 libras esterlinas. É uma diminuição de 3.759:000 libras durante o anno ultimo.

Sir Strafford propoz um plano, segundo o qual, a divida será reduzida em 1885 na somma de 21 milhões e dentro de trinta annos na de 213 milhões de libras.

O pão. — Lê-se no *Cominbricense*. — O primeiro uso que se fez da farinha foi misturada na agua, e comel-a assim sem mais preparo algum, como ainda hoje se usa em algumas regiões montanhosas da Europa, e em muitas partes da Africa e America. Tambem era costume entre os antigos fazer com a farinha, uma especie de papas que se coziam ao lume em vasos de barro, misturando-se-lhe muitas vezes calda de carne ou de peixe, e até pedaços d'estes alimentos. Este meio tambem ainda hoje subsiste.

Não é facil averiguar a epocha precisa, em que principiou o uso do pão. Sabe-se só que este uso é antiquissimo. Os livros santos fallam muitas vezes do emprego d'este alimento. O pão não era cozido um forno, mas sobre o lar, cobrindo-o com cinza quente. Foi d'este modo, que Sara preparou o pão, que seu marido Abrahão apresentou aos tres anjos que lhe appareceram no deserto de Mambré. Era uma especie de bolacha, chata e delgada, que se partia facilmente nas mãos, e que não carecia de faca para se cortar.

Nas ruinas de Herculunum foram encontrados pães inteiros com esta fórma.

O fermento que hoje se emprega para levedar o pão não é geralmente usado, e ha até quem duvide dos bons effeitos hygienicos d'este systema de panificaçào. Alguns auctores fazem derivar o nome de pão de *Pan*, deus dos bosques; e outros de uma palavra grega, que significa *todos*, porque o pão a todos convém, e a todos serve de sustento. Entre os gregos, só ás mulheres competia o fabrico do pão; e entre os romanos eram os escravos os encarregados d'este serviço.

Estudos militares. — Os allemães, russos, suissos e italianos estabeleceram nos seus respectivos exercitos as viagens para os officiaes de estado maior, com o intuito de reconhecer as linhas de marcha das tropas, as posições que estas podem occupar em caso de batalha, as vantagens e desvantagens das mencionadas posições, finalmente o completo estudo do terreno sob o ponto de vista geographico, topographico e militar.

A Alemanha continua a dar o maior impulso a todos os conhecimentos proprios do estado maior, sob a habil direcção do conde de Moltke, depois que o celebre estrategico teve occasião de apreciar praticamente os grandes resultados de semelhante systema.

A Austria tambem augmentou o seu estado maior. O exercito d'este paiz occupase actualmente em organizar o importante serviço de signaes.

Relativamente aos telegraphos procura-se aperfeiçoal-os nos exercitos allemão, russo, austriaco e francez. É provavel que seja por fim adoptado para campanha um simples apparelho inventado por mr. Trouvé.

A França, tendo em vista o que succede nas demais potencias europeas, acaba de modificar satisfactoriamente o serviço dos officiaes de estado maior, por cujo motivo foram creadas já as praças de secretario para os gabinetes estabelecidos nos diversos corpos de exercito.

Da America á Europa em balão. — Haverá talvez um anno que um aereonauta americano, mr. Donaldson, teve ideia de atravessar o Atlantico em balão.

Malograram-se muitas tentativas para levar a effeito este projecto.

Mr. Donaldson, porém, não desanimou. A sociedade de navegaçào aerea de Paris acaba de ser informada, pelo referido aereonauta, de que tenciona, d'aqui a alguns mezes, tentar novamente esta perigosa viagem.

O aereonauta está convencido de que existe nas camadas superiores da atmosphera uma corrente de ar que se dirige de oeste para leste.

Viajará provavelmente só, para que o globo vá mais leve.

Conduzirá mantimentos para oito dias, um cinto de salvaçào, fogos de Bengala, garrafas para mensagens fluctuantes, pombos viajantes, instrumentos astronomicos e bandeiras para fazer signaes aos navios que passarem perto d'elle, caso tenha necessidade de descer no alto mar.

Chronista de modas. — A condessa de Béran, que subscreve uns artiguinhos de modas inseridos nas columnas de um jornal parisiense, queixa-se n'uma das suas ultimas chronicas, da absorpção feita, ou para melhor dizer, do monopolio dos armazens de novidades, que sendo outrora os intermediarios entre o fabricante e o confeccionador, constituem actualmente o *confeccionador* e o *vendedor*.

Acha, por tanto, preferiveis, a citada chronista, os bazares aos armazens de novidades que tudo fazem e tudo vendem, sem gosto, sem ordem, sem elegancia.

Depois de ralar muito d'esta constante e assustadora absorpção, passa a occupar-se do apparecimento de uma nova pomada, que parece destinada a fazer desaparecer da circulaçào as melhores e mais variadas especies de tinturas maravilhosas.

A nova pomada tem a propriedade de restituir aos cabellos e ás barbas a sua cor primitiva. Esta pomada, cuja base é a murta, será a alegria e a metamorphose radical dos anciãos. . . juvenis.

Não tardará muito que a vejamos annunciada como especifico adoptado por todos os soberanos e familias reaes da Europa.

Contra os ratos. — De Amsterdam, indicam um meio geralmente empregado no sul da Alemanha para afastar os ratos dos celeiros. Consiste em amontoar ou espalhar pelo solo, ou mesmo suspender das paredes, ramos de flores de tilia, cujo cheiro basta para afastar os referidos animais.

COMMERCIO

CEREAES

Na terça feira ultima venderam-se os cereaes no mercado d'esta cidade pelos preços seguintes :

	LITRO
Trigo.....	30
Centeio.....	26
Cevada.....	35
Painço.....	30
Milho branco.....	30
» amarello.....	29
» alvo.....	34
Feijão branco.....	46
» vermelho.....	50
» amarello.....	45
» rajado.....	40
» fradinho.....	31
Batatas.....	33,8
Azeite.....	181
Vinho.....	38

BOLSA DE BRAGA

28 de Abril.

Effectuado :

20 acções do Banco de Vianna — 10\$300
 10 ditas do Banco do Douro — 37\$950
 1 obrigação c/ ferro, 3.ª, 1\$900.

Não effectuado :

Banco do Alemtejo, para 30 de Abril, ped. 11\$, off. 10\$850.
 Dito, para 30 de Junho, ped. 11\$, off. 11\$500.
 Banco da Regoa, ped. 9\$800, off. 49\$300.
 Banco do Douro, ped. 88\$, off. 87\$900.
 Banco do Minho, ped. 121\$500, off. 121\$.
 Banco Mercantil de Braga, ped. 3\$, off. 2\$700.
 Banco de Villa Real, ped. 44\$700, off. 44\$550.
 Banco União de Portugal e do Brazil, ped. 5\$500, off. 5\$200.
 Banco de Ponte do Lima, ped. 1\$150, off. 800.
 Banco de Vianna, ped. 10\$300, off. 10\$.
 Banco de Coimbra, ped. 20\$500, off. 20\$.
 Banco Mercantil de Braga, 1.ª, ped. 12\$, off. 10\$300.
 Banco Commercial de Guimarães, ped. 4\$200, off. 4\$.
 Banco de Guimarães, ped. 98\$, off. 95\$.
 Banco Nacional, ped. 21\$, off. 20\$600.
 Banco Portuguez, ped. 108\$, off. 107\$.
 Companhia Geral Bracarense, ped. 17\$, off. 15\$.
 Companhia Commercial e Industrial Portuense, ped. 10\$250, off. 9\$200.
 Inscriptões, ped. 50, off. 49,75.

O director,

Antonio Teixeira Barbosa.

BOLSIM DE BRAGA

28 de Abril.

Effectuado :

50 acções do Banco de Villa Real — 44\$600.
 5 ditas do Banco do Minho — 121\$500.
 2 ditas da dito — 121\$400.
 30 ditas do Banco de Bragança — 2\$950.
 10 ditas do dito — 2\$900.
 61 ditas do Banco Mercantil de Braga — 3\$.
 5 obrigações do caminho de ferro do Minho — 6\$900.
 5 ditas da Companhia Commercial e Industrial Portuense — 1\$000.

Não effectuado :

Banco de Ponte do Lima, ped. 1\$150, off. 1\$050.
 Banco Mercantil de Braga, ped. 11\$500, off. 10\$500.
 Banco do Alemtejo, para 30 de Junho, ped. 11\$500, off. 10\$750.
 Banco da Regoa, ped. 49\$800, off. 49\$500.
 Banco do Douro, ped. 86\$, off. 67\$900.
 Banco de Coimbra, ped. 20\$500, off. 20\$.
 Banco de Villa Real, ped. 44\$700, off. 44\$600.
 Banco do Minho, ped. 121\$600, off. 121\$300.
 Banco de Vianna, ped. 11\$, off. 10\$150.
 Banco do Portuguez, ped. 107\$800, off. 107\$500.
 Banco de Bragança, ped. 3\$100, off. 2\$950.
 Banco da Covilhã, ped. 82\$, off. 81\$.
 Inscriptões, ped. 50, off. 49,93.
 Obrigações do caminho de ferro do Minho, ped. 7\$, off. 6\$800.

Ditas, 1.ª, ped. 12\$, off. 8\$900.

O director,

Antonio Teixeira Barbosa.

AGRADECIMENTO

Manoel José da Rocha Velloso, Rosa Amelia da Rocha Velloso e Marianna da Rocha Velloso, não podendo agradecer pessoalmente a todos os illm.ºs snrs. que se dignaram compriental os por occasião do fallecimento de sua sempre chorada mãe e avó Rosa Maria Velloso, o fazem por este meio.

Da mesma forma agradecem a todos os ill.ºs e rev.ºs snrs. ecclesiasticos que se dignaram honral-os, assistindo ás exequias da mesma finada na igreja da freguezia de S. Pedro de Merelim. (74)

ANNUNCIOS

Pelo juizo de direito d'esta comarca, e cartorio de Freitas, se annuncia que no dia 16 de Maio proximo futuro, á porta do tribunal judicial, pelas 9 horas da manhã, se tem de arrematar uma morada de casas sita na rua das Aguas d'esta cidade, designada com o n.º 71, e junto a esta um bom quintal com dous poços, tudo avaliado na quantia de 1:736\$000 réis, e penhorado aos executados Narciso Antonio da Costa e seus irmãos, d'esta cidade, na execução que lhes move Pedro Rodrigues de Carvalho, negociante n'esta mesma.

O solicitador,

Paulino Evaristo da Rocha. (73)

ARREMATACÃO DE BENS IMMOBILIARIOS.

Pelo juizo de direito d'esta cidade, e cartorio do 1.º officio de que é escrivão José Firmino da Costa Freitas, no dia 16 do proximo seguinte mez de Maio por nove horas da manhã, no tribunal judicial que é no largo de Santo Agostinho, aonde se costumam fazer as arrematações judicias se tem de proceder n'arrematação das propriedades seguintes: o campo das Boucinhas, de lavradio e vidonho, sito no logar assim chamado, freguezia de Palmeira, que se acha avaliado livre d'encargos, na quantia de 122\$800 réis; o campo do Caneiro, de lavradio e vidonho, sito no logar assim chamado da mesma freguezia, que se acha avaliado, tambem livre d'encargos, na quantia de 244\$550 réis; — penhorados aos executados Custodio Fernandes Teixeira — Emagenario — e mulher, e sua filha Maria Joaquina Fernandes, da dita freguezia de Palmeira, na execução hypothecaria que lhes movem Joaquim José Cardoso, e mulher, e outros, pendente no referido cartorio.

O solicitador,

João Baptista Pereira da Silva. (74)

BANCO AGRICOLA, COMMERCIAL E INDUSTRIAL

DE

PONTE DO LIMA

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

SÉDE EM PONTE DO LIMA

São convidados os snrs. subscriptores d'este Banco a fazerem a ratificação das

acções com que assignaram na terça e quarta feira, dias 4 e 5 do proximo mez de Maio, dando réis 1\$500 por acção, que com os 1\$000 réis já depositados no acto d'assignatura, prefazem a de 2\$500 por acção, e constituem os 5 p. c. exigidos pela lei para a constituição do Banco.

Ratifica-se em casa de João da Cunha Nogueira e Manoel Gomes Cordoso, em PONTE DO LIMA: José Julio da Costa e Pedro Ferreira de Macedo Basto, no PORTO: e Banco Mercantil de Braga e Almeida & Pereira, em BRAGA.

Ponte do Lima, 16 d'Abril de 1875.

OS INSTALADORES,

Antonio Pereira da Silva de Sousa de Menezes

Antonio José da Silva Machado

Antonio de Magalhães Barros de Araujo Queiroz

Antonio Mancel Gonçalves

João de Abreu Maya

João de Barros Mimoso

João Bernardo Gomes da Cunha

João da Cunha Nogueira

João Pereira d'Araujo Coelho

João Roberto de Araujo Queiroz

Joaquim Gerardo Alvares Vieira Lisboa

Joaquim Perestrello Marinho Pereira de Araujo

José Maria Torres Machado

Manoel Joaquim Rodrigues dos Santos

Narcizo Alves da Cunha

Thomaz Mendes Norton. (69)

TERRENOS

Compram-se para edificar, nos extremos da cidade. Propostas á rua de S. Marcos, 5. (60)

ALTA NOVIDADE

26 — RUA DO SOUTO — 26

(JUNTO Á RUA DE JANO)

CHAPELARIA ALMEIDA

Acaba de receber das melhores fabricas do Porto, na ultima moda, grande e

variado sortido de chapéos, de seda e de feltro, para homem, menino e senhora. — Bonita colleccão de bonets, que tudo vende de mais barato que em outro estabelecimento.

Fabrica, concerta e põe na moda, com perfeição qualquer chapeo que esteja nas circumstancias. (58)

TABACOS

XABREGAS

COMMISSÃO AOS SNRS. ESTANQUEIROS

FUMOS 15 POR CENTO — RAPÉ 30

Vendem-se na — Tabacaria Bracarense — rua do Souto, 27. (61)

ATENÇÃO

Vende-se a propriedade d'um jornal que ha annos se publica, e que se pôde continuar a publicar em condições vantajosas. Trata-se com o snr. padre Ferreira do Casal, em Lordello do Ouro, Porto. (63)

ALUGA-SE

Uma linda sala nova, na rua Nova n.º 51, e tambem se pôde cosinhar para quem a alugar. Tracta-se na mesma. (70)

Quem quizer arrendar até ao proximo S. Mignel uma morada de dous andares, na rua do fundo dos Pellames, e com a liberdade de passear por uma grande quinta, pôde dirigir-se ao illm.º snr. Antonio Adelino de Magalhães Moutinho, da rua de Santo André n.º 24. (54)

COMPENDIO

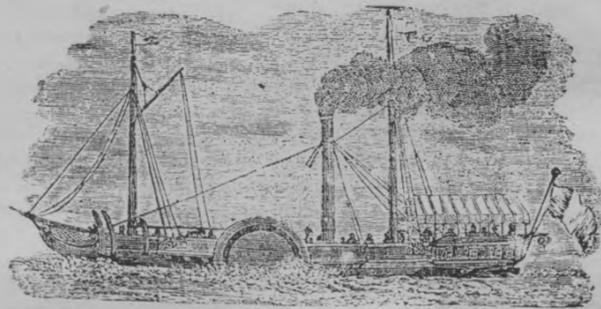
DE

HISTORIA ELEMENTAR

PARA USO DOS PROFESSORES QUE TEM DE FAZER EXAME

Tercera edição, por Moreira de Sá. — Preço 120 rs. (53)

EMPRESA PROGRESSO MARITIMO DO PORTO



O PAQUETE PORTUGUEZ

ALMEIDA GARRETT

COMNANDANTE — J. J. R. CONTENTE.

Sahirá no dia 1.º de Maio para Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro, com escala por S. Thiago de Cabo Verde.

Para passageiros trata-se com o agente da companhia em Braga, rua de S. Marcos n.º 5.

O agente — João da Silva Moura. (64)